

CAMINHANDO... E FAZENDO LEITURA POPULAR DA BÍBLIA

Benedito Clovis
Orides Bernardino

*Os amores na mente, as flores no chão
A certeza na frente, a história na mão.
Caminhando e cantando e seguindo a canção,
Aprendendo e ensinando uma nova lição.
(Geraldo Vandré)*

A leitura popular da Bíblia é um método coletivo e comunitário. Ninguém ensina ou se aprende Bíblia sozinho, pois a leitura popular acontece em comunidade. É uma leitura que procura estabelecer uma ponte entre a vida do povo que hoje lê a Bíblia e a vida do povo de Israel. A Bíblia é tão antiga quanto a história do povo de Deus e por isso o povo a acolhe como Palavra de Deus. A fé nesta Palavra existe bem antes de surgir a leitura popular da Bíblia. É desta fé que brota a leitura que o pobre faz da Bíblia. O Povo vê a Bíblia com maior respeito, mas há alguns que olham a Bíblia com mais carinho, buscando a partir da sua realidade e da sua cultura compreender o texto de uma forma popular. A leitura popular da Bíblia se faz bem quando é feita por quem conhece a realidade, tem os pés fincados no chão da vida. Ao ler a Bíblia, os grupos, os movimentos sociais, as comunidades trazem consigo a sua própria história e têm presentes os problemas que vêm da realidade da sua vida sofrida. No dia-a-dia, na vida comunitária, na sua luta para garantir a sobrevivência, na busca de melhor condição de vida, descobrem que a Palavra de Deus não está só na Bíblia, mas em cada ato de quem acredita no projeto em defesa da vida. A Palavra antes de ser escrita foi vivida. A Bíblia chega aos grupos como a Boa Nova que revela a presença animadora e libertadora de Deus.

Na caminhada do povo a Bíblia anima suas esperanças, fortalece a fé. A Bíblia, que antes estava longe ou era apenas um livro de estante, passou a estar perto, a ser um livro que faz parte da vida cotidiana do povo pobre. Assim como a sua Palavra, o próprio Deus está perto, junto. A Bíblia que se faz presente na vida do povo confirma a caminhada, a luta pela libertação que, cheio de luz, se encarrega de espalhar a Boa Notícia e atrair outras pessoas.

A Bíblia é como espelho que reflete aquilo que vivemos; por isso, ao ler determinados textos, logo nos identificamos com os mesmos. É uma leitura parecida com a

leitura das primeiras comunidades cristãs (At 2,16-20; 4,24-31). Quando os pobres fazem a leitura ligando Bíblia e vida, acontece uma grande descoberta: Deus no passado esteve com o povo, então Ele também está conosco na luta pela libertação. Deus também ouve o nosso clamor (Ex 2,24; 3,7). Assim vai brotando uma nova experiência de Deus e da vida, critérios fundamentais na leitura popular. A Bíblia é a ferramenta que ajuda a perceber onde e como Deus fala hoje ao seu povo. Para muitos é um instrumento importante que ajuda a enxergar a realidade.

Aos poucos, com a Bíblia na mão, o povo tem um novo modo de olhar a Bíblia e fazer sua interpretação. Descobre que a Bíblia é um livro que ajuda a enxergar de forma mais clara a dura realidade em que vive. Logo o povo percebe que a Palavra de Deus não está só na Bíblia, mas também na vida. Com a leitura popular o objetivo não é interpretar a Bíblia, mas é interpretar a vida com a ajuda da Bíblia. A Bíblia é uma luz para clarear a realidade de cada comunidade. Interpretar a Bíblia é uma ação coletiva onde todos participam cada um do seu jeito e conforme sua capacidade. Aí está a importância de se ter nos olhos e no coração a fé da comunidade, da caminhada na busca de vida digna para todos (cf. Jo 10,10).

Os grupos, comunidades e movimentos sociais interpretam a Palavra de Deus e partilham suas experiências no trabalho, escola, teatros, celebrações, lazer e em tudo que seja justo, verdadeiro; a própria vida da comunidade. É aí que surge a criatividade, a convivência num ambiente de fé e fraternidade expressadas através da música, espiritualidade que ajuda a descobrir o sentido que o texto traz para a vida na realidade de hoje. A Bíblia é também um sentir, um conforto que se manifesta no coração: *“Não parecia que o nosso coração queimava dentro do peito quando ele nos falava na estrada e nos explicava as Escrituras Sagradas?”* (Lc 24, 32).

No final da década de 1960 e na década de 70 e 80, para muitos grupos a música trouxe uma mensagem que animou a caminhada dos movimentos sociais na busca de condições de uma vida melhor para todos. Para muitos grupos e comunidades, a música ajudou a fazer uma nova leitura da Bíblia: iluminou a realidade, despertou para o engajamento na ação de transformação da sociedade. O compromisso político e social de muitos cristãos foi motivado a partir do novo jeito de ler a Bíblia. A realidade desafiou a gente a encontrar caminhos para conquistar a libertação, despertando muitas pessoas para fazer uma nova leitura da Bíblia em defesa da vida. Hoje para fazer leitura popular da Bíblia a partir da realidade é importante ter no coração e no olhar a fé que motiva a comunidade na busca de melhores condições de vida. A partir dos pobres, excluídos e marginalizados se tem um novo olhar para o lugar social, e a Bíblia nos ajuda a fazer uma análise crítica a partir deste chão onde se vive, a partir da coragem das pessoas que assumem a luta por um projeto de vida melhor.

Além do fato de a Bíblia ser uma larga porta de entrada para o povo chegar a analisar a sociedade, devemos lembrar-nos que muitos militantes da sociedade civil têm suas raízes nas comunidades eclesiais. Nem sempre têm conseguido manter um relacionamento permanente com essas comunidades para garantir a realimentação de sua fé; nem sempre as comunidades têm sido capazes de responder aos novos desafios lançados pela militância social e política.

Sobretudo neste momento em que todos os projetos e as diferentes ideologias passam por profunda crise, neste momento em que se arrebatam dogmas e certezas, torna-se necessário e urgente um retorno sério e autêntico às raízes da história da pessoa e do povo, aos grandes valores que motivaram seu engajamento na luta. Não como refúgio saudosista, mas como referência capaz de manter abertas as portas da esperança e de alimentar o compromisso. A Bíblia é uma das “histórias” à qual pode-se voltar com proveito. Uma história significativa para muitos (as) militantes, para muitos (as) motivação primeira de seu compromisso, e sempre uma história carregada de valores capazes de animar todo caminho de um mundo mais justo.¹

A leitura popular da Bíblia desde que surgiu tem despertado a indignação do povo contra as injustiças e faz brotar a esperança que outra realidade e outro mundo melhor é possível, desafiando a arregaçar as mangas para a luta, a deixar-se encher de criatividade e cuidar da vida. A luta acontece em qualquer lugar em que o povo esteja oprimido e desperte para conquistar uma vida melhor, seja no bairro, no campo, na cidade, na fábrica, na escola, na igreja, com gente de todas as idades, etnias ou grupos específicos. A leitura gera animação, fortalece a esperança quando é feita e vivida em grupo, contribui para a transformação profunda quando conhecemos a realidade, as pessoas envolvidas, os problemas que vivem, seus sonhos e o que realmente querem com a vida.

A leitura popular surge no meio do povo como um instrumento para auxiliar na revelação da Boa Nova do Reino e motivar as comunidades a lutar para concretizar o projeto deste Reino: “*o Reino de Deus está dentro de vocês*” (Lc 17,21). O reino está presente nas diversas lutas por justiça, nos vários lugares onde se defende a vida. Na caminhada da leitura popular algumas experiências mostram que grupos ou comunidades primeiro se despertaram por causa da exploração e da miséria em que viviam, buscando na Bíblia uma luz para a saída daquela realidade. Então, percebe-se que não basta só saber e denunciar, é preciso alimentar-se de uma espiritualidade libertadora, do texto bíblico que ilumina a realidade e faz perceber que é necessário ter confiança e buscar gente de confiança para assumir a mesma luta.

A leitura popular da Bíblia não desemboca numa doutrina religiosa, supostamente neutra face ao cotidiano da existência humana, só para alimento devocional das pessoas no interior de suas igrejas. Antes, é alimento “espiritual”, vital, “pneumático” por estarmos de prontidão para perceber o pecado encarnado, é certo, na prática de pessoas concretas, mas, ao mesmo tempo, inscrito nas estruturas da sociedade e para denunciá-lo, proclamar a possibilidade de sua superação e engajar-nos na luta para tornar real o possível, com inabalável confiança de que Deus é fiel para fazer cumprir suas promessas (cf. Hb 11,11).²

1. CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS: “*Venha o teu reino*”: *O CEBI e sua vocação política*. Vol.I. São Leopoldo.

2. Idem.

Diante da realidade surgem muitos desafios. Isto nos faz perguntar: quais os principais desafios para os movimentos sociais? Qual o eixo de atuação? Neste contexto, quais são os desafios para a leitura popular da Bíblia? A leitura popular não usa a Bíblia para legitimar a opressão em nome de Deus. A interpretação popular ajuda a descobrir, revelar e denunciar a manipulação do uso da Bíblia. Não há uma forma específica de ler os escritos sagrados. Existem inúmeras formas e todas, a partir do olhar de quem lê, podem ser uma forma correta. A Bíblia tem olhos, tem membros, tem cabeça e tem cor. Aprendemos, desde criança, a adorar um deus de cabelos longos, branco, que foge às nossas origens. Assim rejeitamos a nós mesmos e nossos irmãos enquanto descendentes africanos ou indígenas. Lemos a Bíblia, muitas vezes, escondendo nossa cor, nossa cultura. A leitura popular da Bíblia é o caminho que devolve ao povo o que lhe foi negado por muito tempo:

Em 2001 comecei a ter conhecimento do método da leitura popular da Bíblia, com o grupo do CEBI, na comunidade São Paulo Apóstolo, em Joinville / SC. Sou negra, sou mulher e sempre me sentia sem identidade pela dificuldade de aceitar minhas raízes. A discriminação deixou marcas no meu emocional. Sentia medo de me expor e tomar posições diante das situações, tanto no trabalho, em casa e na comunidade. Procurava demonstrar um ar de superioridade para manter a distância das pessoas. Eu sofria com essa atitude, mas essa camuflagem me ‘protegia’ de revelar quem eu era.

Em um encontro de formação do CEBI-SC participei de uma experiência proposta pela assessora Maria Soave, a dinâmica da ‘colcha de retalhos’. Foi neste momento que me senti incluída no Projeto da Divindade. Comecei um diálogo interno e tive vontade de falar. Percebi a importância do falar para fazer, pensar para falar e pensar e falar sobre o sentir. Dessa exposição abracei o meu existir e senti que podia estimular a minha integridade e estarmos juntas e juntos sem obrigarmos a sermos iguais. Descobri que é no diferente que está a beleza do criador.

Em maio de 2007 iniciei a realização de um sonho, ajudar na assessoria dos grupos de estudos bíblicos. Fiz a experiência com um grupo de dez pessoas sobre os escritos da comunidade de Mateus. Senti-me acolhida e feliz por estar contribuindo com o projeto de partilha, renovando a minha profissão de fé conforme Mt 16,16.18: ‘Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo’; ‘sobre a tua fé edifico a minha comunidade’ (Gisele de Medeiros)³.

O jeito popular de ler a Bíblia provoca mudanças na realidade, faz a pessoa se transformar. As experiências mostram que a partir das reflexões da vida, à luz dos textos bíblicos, as pessoas geralmente despertam para a necessidade de criarem uma nova realidade.

A minha Infância e adolescência eram de total submissão aos pais e aos mais velhos. Sendo mulher não podia estudar. Estudei apenas quatro anos. Além de mulher eu era filha de operário, não tinha o direito de sonhar e me realizar profissionalmente. Isso era um direito dos homens.

3. Gisele de Medeiros participa da equipe do CEBI, em Joinville.

Casei. Meu pai só mudou de nome e de endereço. Novamente total submissão e sem direitos. A mentalidade era: Mulher veio ao mundo para ser mãe (consequência disto dez filhos). A minha maior frustração desde a infância e adolescência sempre foi de não ter dinheiro para comprar um terreninho no céu. Isso era muito cobrado nas igrejas naquele tempo, embora ser pobre era da vontade de Deus e por isso não podíamos reclamar por que Deus castigava.

No ano de 86 não sei como e nem o porquê, comecei a participar da comunidade dando catequese para as crianças e mais tarde para os adolescentes, na Comunidade São Paulo Apóstolo, em Joinville.

Quando comecei a participar das formações, o padre começou a falar de política. Houve muitos conflitos e discussões e até desistências. Onde já se viu falar de política na Igreja. Isso está tudo errado, pensava, mas continuei firme.

Depois de algum tempo de caminhada fui convidada para participar de uma escola bíblica em Lages. Fui e gostei muito. Era a escola do Cebi. Daí em diante não parei mais. Comecei a ter consciência dos meus direitos e deveres como cristã. Passei a ter senso crítico da minha realidade e a do povo. Percebi o quanto é essencial ligar Fé e Vida. Hoje eu faço parte da equipe da escola do Cebi que temos em nossa paróquia.

Eu sou apaixonada pelo Cebi. O Cebi me acordou de um pesadelo e hoje eu sonho com um mundo melhor, sem exclusão, onde todos possam viver com dignidade. Agora é tempo de desconstruir o Velho e construir o Novo. Essa é a nossa missão como seguidores de Jesus, o Filho de Javé, impulsionados pelo seu Santo Espírito. (Eli Wilke Scherer)⁴

A leitura popular da Bíblia feita pelos pobres em seus grupos, comunidades e a partir de sua realidade é sempre um ato de fé, uma prática transformadora, uma atividade comunitária. Faz o povo perceber a presença de Deus na caminhada. A Bíblia se parece com um álbum de fotografias que guarda a memória da história. Ela traz guardada a experiência de um povo. Quando olhamos as fotos relembramos os fatos, ao lermos a Bíblia relemos a história que nos dá uma luz para a caminhada. E um dos caminhos que nos ajuda a compreender o texto é a criatividade que nos ajuda a vencer os nossos limites na interpretação do texto sem se afastar do método da leitura popular e cair na rotina. A criatividade faz renovar. É como uma sementeira permanente sempre é refeita. Cada vez que se tiram as plantas para outro espaço a sementeira é ocupada com outras variedades de sementes. Isto vale para a natureza e também para os grupos, pois há a necessidade de renovar. É como as estações do ano, cada estação traz um novo sentido. “Quem entra na chuva, é pra se molhar”.

Novos tempos... outros tempos. Não posso continuar lendo a Bíblia sempre do mesmo jeito, ou seja, repetindo feito papagaio. O tempo muda, a realidade é outra, as pessoas se transformam e o nosso jeito de ler e de usar a Bíblia também é necessário mudar. Na leitura popular não existem formas prontas tiradas da forma. É preciso ter-

4. Eli Wilke Scherer participa da equipe do CEBI, em Joinville.

mos consciência de que a leitura popular da Bíblia é uma leitura feita a partir da luta do povo, dos problemas concretos do seu dia-a-dia, das perguntas desafiadoras levantadas pela realidade. Não há um limite. O que se tem são pistas que podem ser melhoradas, ampliadas. O importante é encontrar saídas de acordo com o desafio enfrentado dentro de cada realidade. Frei Carlos Mesters nos diz que a Bíblia é a Casa do Povo, a casa que faz parte da vida do povo. E esta Casa-Bíblia tem uma porta que une a casa à rua, a rua à casa, a casa ao povo, o povo à rua.

Benedito Clovis
Orides Bernardino
Membros do CEBI-SC

Bibliografia

ANJOS, Adeodata Maria dos et al. Em nome da Identidade: uma leitura de Gênero, Ecumenismo e Negritude. Série: *A Palavra na Vida*, n. 227. São Leopoldo: CEBI, 2006.

REIMER, Ivoni Richter (org.). Leitura da Bíblia em 500 anos de Brasil. Série: *A Palavra na Vida*, n. 149/150. São Leopoldo: CEBI, 2000.

SCHINELO, Edmilson (Org.). Bíblia e Educação Popular: encontros de solidariedade e diálogo. Série: *A Palavra na Vida*, nº 213/214. São Leopoldo, CEBI, 2005.

TORRES, Fernando et al. *Teologia da Libertação e Educação Popular a caminho*. São Leopoldo: CEBI, 2006.